



IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

GRAMSCI E SUAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Ana Paula Moreira de SOUSA (UFGD/Dourados)¹

Mariclei PRZYLEPA (UFGD/Dourados)²

Eixo 7 – Políticas Educacionais

RESUMO: Esse trabalho tem por escopo analisar e refletir sobre a cultura, educação e escola por meio de estudos realizados por Antonio Gramsci. Para essa discussão, delimitou e adotou-se o capítulo “A organização da cultura”, presente na obra “Os intelectuais e a organização da cultura”, cuja publicação data de 1991, traduzida por Carlos Nelson Coutinho. O tipo de pesquisa adotado foi o bibliográfico, com abordagem qualitativa. Deste modo, foi escolhida umas das obras desse autor, pois acredita-se que esta poderá contribuir com uma significativa discussão no que diz respeito ao campo educacional. Portanto, a partir das análises e reflexões feitas, entende-se que as escritas de Gramsci são extremamente relevantes, na medida em que apresenta uma concepção de organização da escola, da cultura e de um pensamento relacionado com a educação, em que ele não acreditava em uma escola que estivesse a “serviço” do mercado capitalista e que fosse passiva, acrítica, descontextualizada e fragmentada do real, despolitizada e com predominância da racionalidade técnica sob a formação humana, como é concebida e materializada, pelo neoliberalismo no século XXI, mas sim na força transformadora da escola, idealizada como unitária.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura . educação. escola.

Introdução

Esse artigo objetiva analisar e refletir acerca da obra selecionada de Antonio Gramsci, já mencionada anteriormente. Salienta-se que a escolha desse autor decorre do entendimento que suas contribuições possibilitam compreender o papel da

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados. Professora da Educação Básica. E-mail: profap.educa@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados. Professora da Educação Básica. E-mail: ma-3150@hotmail.com.

educação na sociedade capitalista atualmente, como também mostra a necessidade e as possibilidades de se construir outra visão de homem, de sociedade e de mundo.

Tendo em vista que seus estudos e suas práticas sempre estiveram em defesa do acesso ao conhecimento pela classe subalterna e por acreditar que assim essa classe seria capaz do enfrentamento ao estado de opressão a que estaria submetida pela ordem social.

Gramsci é um autor que trouxe contribuição para algumas linhas teóricas em educação, cultura e principalmente no que se refere à formação dos intelectuais na sociedade. No pensamento social dele, o espaço em que a luta de classes ocorre é o da cultura e essa luta é principalmente ideológica.

Nos parágrafos infracitados se fará uma contextualização teórica no que diz respeito a biografia e bibliografia de Gramsci e paulatinamente haverá uma discussão acerca de escola; de cultura; as contribuições de Gramsci para com a educação; a metodologia adotada; as considerações finais e por fim; a apresentação da referência principal utilizada.

Biografia e Bibliografia de Antonio Gramsci

Antonio Gramsci nasceu em Ales, na Sardenha, em 22 de janeiro de 1891 e faleceu em Roma, em 27 de abril de 1937. Foi filósofo e político italiano, teórico-marxista e fundador do Partido Comunista Italiano (PCI). Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Turim, em que contactou com a ideologia marxista e ingressou no Partido Socialista Italiano. Foi uma das referências essenciais do pensamento de esquerda no século XX.

Nascido em uma família pobre e numerosa, foi vítima, antes dos dois anos, de uma doença que o deixou corcunda e prejudicou seu crescimento físico. Foi um estudante brilhante. Aos vinte e um anos de idade conseguiu um prêmio para estudar Letras na Universidade de Turim.

Gramsci frequentou os círculos socialistas e entrou para o Partido Socialista em 1913. Transformou-se num jornalista notável, um escritor articulado da teoria política, escrevendo para o "L'Avanti", órgão oficial do Partido Socialista e para vários jornais socialistas da Itália. Em 1919, rompeu com o partido. Militou em comissões de fábrica e ajudou a fundar o Partido Comunista Italiano em 1921, junto com Amadeo Bordiga.

Gramsci foi à Rússia em 1922, onde representou o novo partido e encontrou Giulia Schucht, uma violinista, com quem se casou e teve dois filhos. Gramsci retornou com a missão de promover a unidade dos partidos de esquerda no seu país.

Em 8 de novembro de 1926, a polícia fascista prendeu Gramsci e, apesar de sua imunidade parlamentar, levaram-no à prisão. Recebeu uma sentença de cinco anos de confinamento e, no ano seguinte, uma sentença de vinte anos de prisão em Turim, perto de Bari. Dois anos depois, bastante doente, ganhou a liberdade condicional, para tratar-se em hospitais. Morreu em Roma, aos 46 anos.

Gramsci escreveu mais de 30 cadernos de história e análise durante a prisão. Conhecidas como “Cadernos do Cárcere e Cartas do Cárcere”, contêm seu traço do nacionalismo italiano e algumas ideias da teoria crítica e educacional. Para despistar a censura fascista, Gramsci adotou uma linguagem cifrada, em torno de conceitos originais ou de expressões novas.

Seus escritos têm forma fragmentária, com muitos trechos que apenas indicam reflexões a serem desenvolvidas. Suas noções de “Pedagogia Crítica e Instrução Popular” foram teorizadas e praticadas décadas posteriores no Brasil por Paulo Freire. Gramsci não acreditava numa tomada de poder que não fosse precedida por mudanças de mentalidade. Para ele, os agentes principais dessas mudanças seriam os intelectuais e um dos seus instrumentos mais importantes para a conquista da cidadania seria a escola.

Gramsci promoveu o casamento das ideias de Marx com as de Maquiavel, considerando o “Partido Comunista o novo Príncipe”, a quem o pensador florentino renascentista dava conselhos para tomar e permanecer no poder. Para Gramsci, mais ainda do que para Maquiavel, os fins justificam os meios e qualquer ato só pode ser julgado a partir de sua utilidade para a revolução comunista.

Na obra “Os 32 cadernos do Cárcere”, de 2.848 páginas, que não eram destinados à publicação, trazem reflexões e anotações do tempo em que Gramsci esteve preso, que começaram em 8 de fevereiro de 1929 e terminaram em agosto de 1935, por conta dos seus problemas de saúde. Foi Tatiana Schucht, sua cunhada, que os enumerou, sem, todavia levar em conta sua cronologia.

Depois do final da guerra, os cadernos juntamente com as cartas (que escrevia a seus familiares), revisados por Felice Platone, foram publicados pela Editora Einaudi. Esses escritos forma elaborados em seis volumes, ordenados por temas, sendo intitulados que seguem:

- ✓ Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce (1948);
- ✓ Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura (1949);
- ✓ Risorgimento (1949);
- ✓ Note sul Machiavelli, sulla política e sullo Stato moderno (1949);
- ✓ Letteratura e vita nazionale (1950);
- ✓ Passato e presente (1951).

Entretanto, somente em 1975, graças a Valentino Gerratana que os cadernos foram publicados, seguindo assim uma ordem cronológica em que foram escritos. Também foram recolhidos no mesmo volume todos os artigos de Gramsci nas publicações Avanti!, Grido del popolo e L'Ordine nuovo.

Na prisão, escreveu os textos reunidos em “Cadernos do Cárcere e Cartas do Cárcere”. A obra de Gramsci inspirou o eurocomunismo – a linha democrática seguida pelos partidos comunistas europeus na segunda metade do século XX e que teve uma grande influência no Brasil nos anos de 1970.

Nesse sentido, é nos seus escritos da prisão, os “Cadernos do Cárcere”, principalmente no caderno 12 que Gramsci sistematiza sua reflexão sobre a educação e a escola, a concepção socialista de uma escola de trabalho, a escola única, mostrando assim que o processo educativo não é subordinado ao momento do trabalho, embora seja essencial e indispensável ao processo formativo.

A escola unitária proposta por Antonio Gramsci

A escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial, não sendo restrita apenas na escola, mas em toda vida social. O princípio unitário, por isso, refletir-se-á em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo.

Essa escola pensada por Gramsci (1991) seria aquela que levaria o proletariado a emancipação, vir a ser governo, voltada não somente para a formação técnica (ensino profissionalizante destinado à classe subalterna), despolitizada, e a - histórica. Pelo contrário, seria uma escola única, primeiramente, de formação humana (formação intelectual/autônoma) e depois de atividade social, ele sugere uma escola unitária:

A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo, "humanismo", em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional)

ou de cultura geral deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa (GRAMSCI, 1991, p. 121).

A escola unitária requer que o Estado assuma todas as despesas que estão a cargo da família, no que toca à manutenção dos escolares; inserir os jovens na atividade social, elevando-os a certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e da autonomia na orientação e na iniciativa própria, ou seja, autônoma, para que de fato a educação desempenhe sua função, que é de formar novas gerações e ser caracterizada como gratuita, possibilitando oportunizar o ensino a todas as gerações, sem divisões ou distinções de grupos ou classes.

Porém, esta transformação da atividade escolar requer uma ampliação e mudança (em especial estrutural) da organização prática da escola, dos prédios, do material científico e do corpo docente. Essa nova organização deve levar em conta não somente o conteúdo e o método de ensino, mas também os vários graus da carreira escolar, desde a elementar, no que se refere ao ensino das noções instrumentais e a parte relativa do desenvolvimento de direitos e deveres até a última, que deve ser concebida e organizada como a fase decisiva, na qual se tende a criar os valores fundamentais do humanismo, a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização.

Gramsci (1991) parte da premissa que uma transformação social só advém se precedida de uma “reforma intelectual e moral”. Para ele, é preciso ter primeiramente a “direção intelectual e moral”, para então poder dominar. Acreditava que todo o ser humano possuía em seu interior um intelectual “adormecido” em seu senso comum, mas através do trabalho intelectual crítico, realizado pela escola unitária, esse intelectual deixaria o senso comum e passaria ao bom senso (conjunto de pensamentos organizados, coerentes e críticos) e assim teria-se um intelectual orgânico, capaz de agir dialeticamente no mundo para transformá-lo.

A escola unitária segundo Gramsci (1991) corresponde ao primário e ao ensino médio atual. O primeiro grau não deveria ultrapassar três ou quatro anos, tendo como ensino as primeiras noções “instrumentais” da instrução, isto é, a leitura, o letramento, a matemática (fazer contas) os estudos abarcados pela Geografia e pela História.

Além disso, deveria ter ainda a noção de direito e deveres e as primeiras noções do Estado e da sociedade, como sendo elementos primordiais de uma nova

concepção do mundo que entra em luta contra as concepções determinadas pelos diversos ambientes sociais tradicionais. O resto do curso não deveria durar mais que seis anos, e aos quinze/dezesseis anos, o aluno deveria concluir todos os graus da escola unitária.

Nota-se, portanto, que é missão da escola propiciar às classes subalternas uma visão do mundo natural e do mundo social, que as ajude a se inserir nas relações sociais, políticas e culturais de uma sociedade, de uma sociedade em que as relações capitalistas estão se expandindo com mais rapidez.

Gramsci (1991) propunha que a escola trabalhasse os conteúdos nela presentes em duas direções, sendo elas: a primeira deveria eliminar a separação entre trabalho intelectual e trabalho manual, ou seja, o que seria possível para existir um currículo que privilegiasse tanto as matérias escolares “clássicas” (Matemática, Ciências, História) quanto aos conteúdos ligados à preparação para o trabalho, reduzindo assim as distâncias culturais entre a valorização do trabalho intelectual e a valorização do trabalho manual e trabalhando a dimensão política da sociedade.

A segunda direção considerada é aquela que concebe que um dos objetivos da escola seria o de que todos tivessem uma mesma cultura, independentemente de sua origem social. Essa escola deveria ser estatal, pública e gratuita e obrigatória a todos.

A partir disso, a escola tendo os conteúdos políticos ligados à ideia de revolução cultural, por intermédio dela, as massas iriam transformando sua cultura, assim como na própria escola seriam formados os intelectuais orgânicos responsáveis por conduzir o processo revolucionário.

Devido a estes fatores, é possível afirmar que a proposta que Gramsci (1991) faz da escola seria a considerada simultaneamente única e unitária. Ela é única do ponto de vista das pessoas que a frequentariam, as quais seriam de todas as classes sociais, e é unitária do ponto de vista do conhecimento nela transmitido, o qual não faz mais uma separação entre a formação para o trabalho e a formação intelectual clássica.

Para Gramsci (1991), a escola unitária ou de formação humanística tem como tarefa inserir os jovens na atividade social, dando também maturidade e capacidade, criação intelectual e prática. De acordo com ele, toda escola unitária é uma escola ativa e a escola criadora é o coroamento da escola ativa.

A escola criadora não significa que seja uma escola de inventores e descobridores, ela indica uma fase, um método de investigação e de conhecimento,

que a aprendizagem contribua para a construção da autonomia do discente, em que a atuação do professor seja uma ação mediadora neste processo pedagógico.

Compreende-se que para haver mudança, como Gramsci (1991) acreditava e propunha, no sentido de haver transformação social e mudança de mentalidade, é necessário haver mudança na organização curricular, bem como na estrutura da escola em seus tempos e espaço, e essa organização escolar somente se efetivará a partir da escola criadora.

Contribuições de Antonio Gramsci para com a Educação

Gramsci (1991) deixa bem claro a sua preocupação com a formação do sujeito em seus escritos, pois para ele os tempos atuais exigem uma escola cujo princípio pedagógico leve em consideração os elementos da cultura.

Nesse sentido, ele vê a educação como a responsável pelo aparecimento de uma nova ordem intelectual e moral, pela superação do senso comum, como instrumento de luta contra a filosofia ultrapassada e colocada a serviço da dominação. Pelo senso comum todos compartilham de uma visão de mundo.

Concebe que as classes dominantes trabalham para transformar sua concepção de mundo em senso comum, fazendo-o penetrar nas massas, ensinando-lhes a obedecer, a ser passivos. Da mesma maneira, o desempenho da educação escolar é importante para superar e eliminar a passividade imbricada nas massas e levá-las a tornarem-se cidadãos capazes e atuantes na sociedade em que vivem.

A educação escolar pode contribuir nessa conscientização quando possibilita ao educando superar o senso comum e alcançar o “bom senso” (senso crítico), quando deixar de produzir a ignorância no interior escolar, ou seja, quando trabalha com conhecimento ligado à vida do educando, quando o ajuda a pensar, a refletir, a pesquisar, a ser solidário e a ser autônomo.

Sua função não é apenas a de informar o educando sobre o passado ou de transmitir um conhecimento morto, separado da vida, retórico e sem sentido; ao contrário, deve situar o indivíduo na sua história, possibilitando-lhe desenvolver certas habilidades que lhe permitam o desempenho de atividades capazes de garantir não somente a sobrevivência da sociedade, mas, sobretudo, se apropriar de uma forma digna e responsável de vida. Isso pode ser alcançado superando-se o modelo individualista corrente na sociedade contemporânea.

Sendo assim, a escola, ao propor-se formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, elegerá como objetivo de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e a construção são consideradas essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres.

Neste contexto, Gramsci (1991) pensa em uma formação de cultura geral, formativa, humanística. A par destas percepções é que ele aponta a proposta da escola unitária (já teorizada no item anterior). Ele defende que a escola conveniente à classe majoritária da sociedade deve ser a mesma para todos, contrapondo-se então, ao velho princípio, que defendia a divisão da sociedade em classes.

Depreende-se a partir da leitura realizada, que foi na cultura, sobretudo na ação política, aliada à educação que Gramsci encontrou o instrumento necessário de transformação, que possibilitaria ao sujeito tornar-se consciente, participativo e autônomo de suas ações. Mas quando se refere à educação, ele não se limita apenas à instituição escolar como formadora, e sim no conjunto das instituições como família, igreja, sindicato, partidos políticos, associações de classe e outros.

Nota-se que a temática pedagógica ocupa um caráter não secundário na experiência vivida e no pensamento de Gramsci, seja como interesse educativo imediato a nível individual, seja na luta política pela organização da cultura em nível de massa. O pensador acredita que a escola pode ser uma das alavancas na transformação de uma sociedade.

Percebe-se ainda como Gramsci (1991) concebe a formação, sobretudo, no que se refere ao papel da escola neste processo. Foi pensando na libertação e autonomia da classe trabalhadora, que ele propôs a criação da escola unitária, de formação humanista, de educação geral. Esta escola deveria ser de qualidade, comprometida com a formação do aluno, da classe trabalhadora, capaz de possibilitar a ele constituir-se enquanto sujeito político, a fim de que possa tomar decisões adquiridas com responsabilidade para exercer plenamente a cidadania.

Para Gramsci (1991) cabe à escola incluir nos educandos, desde o início da alfabetização, noções sobre os direitos e deveres, sobre a ordem e leis estatais e civis, que organizam a sociedade humana, principalmente porque permitem aos indivíduos das classes subalternas situarem-se na sociedade diante do Estado.

Metodologia

O tipo de pesquisa adotado foi de abordagem qualitativo-bibliográfico, com leitura, análise e reflexão do capítulo “A organização da cultura”, presente na obra “Os intelectuais e a organização da cultura”, do autor Antonio Gramsci, publicada em 1991, traduzida por Carlos Nelson Coutinho.

Considerações Finais

Para Gramsci (1991), a educação escolar tem um papel fundamental na construção das opiniões, nas diversas formas de pensar e de agir presentes nas culturas ocidentais. Para ele, a escola criava os hábitos religiosos, de amor à família, de respeito à pátria e a própria noção de cidadania em uma sociedade. Devido a isto, propõe que a escola única seja um instrumento de transformação social, que possa conduzir as massas à revolução cultural que ele pretendia criar.

Nesse sentido, compreende-se que a escola é vista como uma estrada para a formação do processo de refletir, de forma crítica, que conseqüentemente, proporcionará uma formação crítica e humanitária, uma revolução cultural.

Por ser um teórico marxista, Gramsci parte do princípio que esta revolução mesmo sendo cultural, acontecerá a partir de elementos concretos da realidade. Assim, esta revolução cultural na qual a classe trabalhadora assumiria o controle da sociedade apoiada em dois suportes: o intelectual orgânico e a escola unitária.

Entende-se que a escola unitária é necessária ser construída na contemporaneidade, tendo em vista que ela é um caminho viável para a leitura e transformação real vivida pelos sujeitos. No entanto, compreende-se que educar para a cidadania também requer compromisso, ousadia, apreensão e compreensão do pensamento crítico de toda sociedade.

Gramsci (1991) acreditava em uma educação que contemplasse a visão técnica e humanista do conhecimento, ambas necessárias para que os trabalhadores pudessem apreender o processo de produção e também orientar a administração do novo Estado que surgiria após a tomada do poder. Como a classe burguesa detinha uma espécie de monopólio sobre as humanidades, a educação contribuiria para haver a quebra, a ruptura.

Esse autor é sem dúvida nenhuma atualmente um clássico não só do marxismo, mas do pensamento político em si, pois revelou através de sua história de luta política um projeto de sociedade baseado na filosofia da *práxis* humana,

contribuindo ao longo de sua trajetória com sua crítica real à filosofia e visão burguesa de mundo.

Nesse sentido, Gramsci (1991) concebe como sendo o papel dos intelectuais: possibilitar a discussão com as classes sociais, através de uma visão de mundo unitária e homogênea, fazendo com que todas as camadas sociais possuem seus próprios intelectuais.

Dessa forma, entende-se que todo ser humano é um intelectual fora da sua profissão, pois participa de uma concepção de mundo, de sociedade, de sujeito, de ciência, contribuindo assim para mantê-la ou modificá-la, promovendo novas maneiras de pensar e de agir na sociedade em que o ser humano vive e sobrevive cotidianamente.

É possível afirmar ao formar intelectuais orgânicos e ao eliminar a ideia de uma diferença de valor entre as classes trabalhadoras (intelectuais e trabalhadores manuais) a escola unitária seria o elemento central da teoria revolucionária de Gramsci. Suas contribuições para a realidade educacional brasileira são a princípio um referencial teórico e crítico das atuais reformas educacionais, que são aquelas que têm reforçado o caráter dualista da educação por meio de um conjunto de leis que se restringem a dimensão pragmática firmada nas formas modernas do processo produtivo.

Portanto, Gramsci (1991) não acreditava em uma escola que estivesse a “serviço” do mercado capitalista e que fosse passiva, acrítica, descontextualizada e fragmentada do real, despolitizada e com predominância da racionalidade técnica sob a formação humana, como é concebida e materializada, pelo neoliberalismo, a escola de hoje (século XXI), mas sim na força transformadora da escola, idealizada por ele como unitária.

REFERÊNCIA

GRAMSCI, Antonio. A organização da cultura. In: **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Coleção Perspectivas do Homem, Série Filosofia, p. 116 – 141.